



Ilustração Portuguesa

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SECULO»

DIRECTOR — J. J. da Silva Graça
 PROPRIEDADE DA Sociedade Nacional de Tipografia
 EDITOR — Antonio Maria Lopes

NUMERO AVULSO. 50 cts.

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Espanha:
 Trimestre €\$50. — Semestre 13\$00. — Ano 26\$00.
 COLONIAS PORTUGUESAS: Semestre 14\$00. — Ano 28\$00
 ESTRANGEIRO: Semestre 17\$00. — Ano 34\$00.

Redacção, administração e oficinas: — Rua do Seculo, 43, LISBOA

Crown Ribbon and Carbon Mfg. Co.

Machinas de escrever,
 accessorios e officinas de reparação
 Freços resumidissimos

Vende J. Anão & C.ª L.ª

F. Nova do Amp. 6. 2.ª

Telefone 555 LISBOA

Perfumaria Balsemão
 141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
 TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

ANEMIA
 DEBILIDADE, NEURASTHENIA, TISICA
 Todos os Medicos proclamam que
 • VINHO • DESCHIENS (PARIS)
 • XAROPE •
 de Hemoglobina
CURAM SEMPRE

Mães! sem leite

Ou com insuficiencia para amamentar os filhos e que se queiram robustecer, tomem a VITALOSE, que sendo um preparado de sabor muito agradável, lhes traz in ediatamente uma grande abundancia de leite forte e puro e, ao mesmo tempo, que as nutre consideravelmente, criando os filhos fortes e saudios sem os perigos dos «bi-berões» e amas mercenaria.

Assim o atestam publicamente os mais illustres e considerados medicos, e neste facto está justificado o enorme consumo d'este conchecidissimo preparado, não só em Portugal como em muitos outros paizes onde está registado.

Recomenda-se todo o cuidado em verificar se todos os rotulos levam indicação do seu preparador Augusto P. de Figueiredo e da Farmacia J. Nobre como seu depositario geral, rejeitando sempre como suspeito qualquer outro preparado que não tenha esta indicação de garantia.

A VITALOSE vende-se em todas as boas farmacias e drogarias e em LISBOA na Farmacia J. Nobre, Rocio, 11; em COIMBRA, na drogaria Pereira Marques, Praça 8 de Maio, 34 e no PORTO, na Farmacia Dr. Moreno, largo de S. Domingos, 44. Preço 6800. Pelo correio até 3 frascos mais 180.

Companhia do PAPEL DO PRADO
 Sociedade anónima de responsabilidade limitada

Ações	300.000\$
Obrigações	284.220\$
Fundo de reserva e amortização	740.000 \$
Escudos	1.324.220\$

SEDE EM LISBOA, Proprietar a das fabricas do Prado, Marlanata e Sobrelinh Tomar, Penedo (Casal de Vermilho/Lousã) e Maior (Albergaria-a-Velha). Instalações para uma produção annual de 6 milhões de quilos de papel e dispondo do maquinismo mais aperfeiçoados para a industria. Tem em deposito grande variedade de papéis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações de secções de qualquer quantidade de papel de maquina continua ou redonda e de folha. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz. fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes, escriptorios e depositos: LISBOA 270, rua da Princesa 276. PORTO, 49, rua de Passos Manuel 51. — Endereçotelegraphico em Lisboa e Porto: — Companhia Praco. — Telef.: Lisboa, 663, Porto, 117.

As Especialidades de BELEZA

do Instituto Anglo-Frances de Electrolysis, são de toda a confiança e de resultados seguros

- CREME HOLTINE. Limpa e branqueta, embeleza e tonifica a pele. Tira os pontos negros, cravos e segurando o pó de arroz. 20 anos de exito: Hoão grande: 4800 c.
- CUA HOLTINE. Maravilhosa para a pele. Limpa e evita a gordura e os pontos negros e tem a grande propriedade de fechar os poros: 4800 c.
- DE AROZ «HOLTINE». Finissimo e muito aderente: 4800 c.
- ARONEL «HOLTINE». Finissimo. Cada sabonete um atestado de pureza: 3800 c.
- MAIL DE PERLES. Para branquear a cara, pescoço, braços, etc. substituindo admiravelmente o pó de arroz. Não enxa e não stja as goiças: 3850 c.
- EGRIE CREAM. Crème infalivel para tirar as sardas: 4800 c.
- TI-TACHES. Loção para tirar as sardas sem irritar a pele. Infalivel: 4800 c.
- TION DIVINE. Tira imediatamente os pontos negros e fecha os poros: 4800 c. Usa-se conjuntamente com o «Crema Holtine».
- UME DE BEAUTE. (Para as peles secas). Amacia a pele, tornando-a fina e avelludada. Maravilhoso para o cabelo: 4800 c.
- IT ANTI-RIDES. Este maravilhoso leite impede e tira as rugas, aformosando a pele: 3850 c.
- EME MERVEILLUS. Branqueta a pele, tornando-a fina e avelludada: 4800 c.
- SALLINE. Crema para dar a cor natural ás faces e aos labios. Muito aderente: 4800 c.
- SALLINE. Liquido para dar a cor natural ás faces, aos labios e ás unhas. Não sai ao comer e beber: 3850 c.
- UGR DE VIE HOLTINE. Dá ás faces uma linda cor rosada: 4800 c.
- ODOK. Para tirar o cheiro dos sovacos. Indispensavel para todas as senhoras: 4800 c.
- ETROLYSIS POMATUM. Faz desaparecer rapidamente eczemas, borbulhas e vermelhuço da pele: 3850 cent.
- FE DEPILATORY. Tira momentaneamente os pelo sem irritar a pele: 4800 c. (Para tiral-os «uma vez para sempre», ha só o tratamento pelo Electrolyse no nosso consultorio).
- TIPOLES. Preparado especial para impedir o aumento e crescimento da penugem: 5800 c.
- VE SOURCILIERE. Faz crescer as sobrancelhas e pestanas dando brilho aos olhos: 3850 c.
- YSTIFLOR. Para aplicar nas pestanas, sobrancelhas e palpebras, tornando os olhos grandes e cativantes: 4800 c.
- OIAS MARAVILHOSAS. Dá brilho e ternura aos olhos, tirando as inflamações: 4800c.
- LTINE FOR THE HAIR. Productio Inglez de maior valor para parar a queda e fazer nascer e crescer o cabelo, e restituindo-lhe a sua cor natural e impedindo-o de embranquear: 5800 cent (Não é pintura).
- NICO HOLTINE N.º 2. Para o cabelo gordo. Infalivel contra a seborreia, calvice e faz nascer e crescer o cabelo, impedindo-o de cair e de embranquear: 6800 c.
- LUCILINK. Tira maravilhosamente a caspa e dá vigor ao cabelo, parando a queda: 4800 c.
- ILBANTINE TONIQUE. Dá brilho, flexibilidade e vigor ao cabelo, tornando-o muito sedoso: 3850 e 4800 c.
- AMPUO HOLTINE. Em pó, para lavar a cabeça. Tira a caspa, deixando os cabelos brilhantes e sedosos: 5800 c.
- GONDINE. Escolorante da penugem e dos pelos tornando-os quasi invisiveis: 5800 c.
- INTURA HOLTINE. Para o cabelo e bigode. «Incomparavel» e d'uma só applicação. Não sai nem macha a pele, muito economica: 16800 c.

- CLOUETAM. Tira o pó e a casca de todo o rosto: 2850 c.
- UC DE MIMOSA. Branqueta e amacia as mãos, perfumando-as deliciosamente: 3850 c.
- VERNIZ HOLTINE. De um brilho de diamantes ás unhas, protego-as e dá-lhes uma linda cor natural: 2850 c.
- LOCAO HOLTINE N.º 2. Para tirar o verniz das unhas e preparal-as para uma nova applicação: 4850 c.
- XGALL. Ultima descoberta da ciencia, para diminuir os pelos, as ancas, etc.: 7850 cent.
- HO HOLTINE N.º 1 para enri ar os seios sem o augmentar: 6800 c.
- REPARADOS PARA O DESENVOLVIMENTO E ENRIJAMENTO DOS SEIOS. Resultados surpreendentes em 15 dias. Tratamento eficaz, infalivel e completamente inofensivo: 15850 c.
- MAMILLARY CREAM. Descoberta maravilhosa para aumentar e enrijar os seios: 7850 c.
- LIQUID DENTIFRICK. Para a beleza e hygiene dos dentes e da boca. Branqueta muito: 3850 c.
- OUDRE FLEURS D'ORIENT. Po para banho e para a toilette do rosto. Torna a pele fina e branca, dando beleza ao rosto e ao corpo. Deliciosamente perfumada: 4850 c.
- LOCAO HOLTINE N.º 3. Tira inutilmente a transpiração excessiva das mãos e da cara. Completamente inofensiva: 4800 c.
- O MEDICINAL HOLTINE N.º 3. Adstringente Especial para peles oleosas. Para pôr depois da loção n.º 3: 3400 c.
- UGA DE COLONIA. Extra-superior. 2800 c.
- PARELHO ELECTROLYTICO DO DR. HINSON. MODELO A. Destruição radical dos pelos em casa. Simplissimo e infalivel. «Unico» tratamento recomendado pelos medicos.
- PARELHO MODELO B. Para destruir os pelos e para applicações electricas ao rosto. (Desaparicao definitiva das rugas, manchas, cicatrizes, verrugas, sardas, indugens, etc).
- TRATAMENTO NO INSTITUTO. Destruição radical e garantida dos pelos, cabelos e penugem do rosto pelo Electrolyse. Unica casa da especialidade, com largo numero de praticas.
- DESINFECÇÃO E LIMPEZA DA PELE. Pela electricidade e pela luz, tirando as rugas, manchas, sardas, pontos negros, cicatrizes, signaes de bexigas, impetigos, etc. etc. Metodo mais moderno: 1.4800; Deza, 46800.
- DESENVOLVIMENTO E ENRIJAMENTO OS SEIOS. Ou a sua redução por um metodo completamente novo. Resultados rapidos.
- CURA DA OBESIDADE E DA MAGREZA.
- TRATAMENTOS ELECTRICOS AO CAHELO. para parar a queda fazendo-o nascer e crescer.
- TINTURA DOS CAHELOS. Em todas as cores; Muita duração.
- LAVAGEM DA CABECA. Com secagem electrica. — Descoloração de cabelo.
- ONDULAÇÃO MARCEL. — MANUCURE. — SALAS SEPARADAS.

Vadame HILTON, Directora do Instituto Anglo-Frances de Electrolysis
 r. Anchieta, n.º 21, 1.º, D. (Ao Chiado-LISBOA)
 Telefone C. 5386

NO PORTO: — Rua Alexandre Herculano, 236, 2.º para tratamento e venda de Productos de Beleza.

Ao preço dos productos e preciso acrescentar de 1860 até 2850 para o porte e embalagem, conforme o peso.

ALMANAQUE ILUSTRADO D'O SECULO

A VENDA NOS LOGARES DO COSIUME

ILUSTRACÃO PORTUGUESA



LUGNÉ POE

DIRECTOR DA «MAISON DE L'OEUVRE», UM DOS GRANDES REFORMADORES DO TEATRO FRANCÊS, QUE, EM BREVE, VEM A PORTUGAL COM A «TOURNÉE PIERRE!»

(Gravura em madeira de André Rouveyre)

CARNAVAL - CINZAS

FOI na quarta-feira. Alvorecer rissondo dum dia de primavera. O homem do nariz comprido, caraça mefistofelica, capa vermelha, suja de lama, de encostado que estava á minha porta desabou para dentro. Acordou. Levei-o para cima; refrescou as ideias; falámos:

—Eu sou o Carnaval. Ainda não me deitei, e preciso ir mudar de fato para que não me conheçam. Agora sim, agora é que eu vou *reinar*.

—E estes três dias?

—Ando a monte, nem me conheço. Comecei por, entusiasmado, ir com os academicos esperar o Rei Carnaval. Esperava uma nota alegre, vibrante da mocidade, uma ideia original, imprevista; qual! Uns burros, uns mascarados, especie de cegada suja a arrastar-se sem brilho pela cidade. Depois vim ao *corso*, á Avenida? Santo Deus! Tantas carroças enfeitadas! Parecia-me um longo enterro de folia.

—Apenas as creanças...

—Ai vem o chavão. Foram os jornalistas que deram cabo de mim. A nota alegre é sempre dada pelas creanças, esse martirologio de tanta infancia! Quando eu me divertia com o rei D. Carlos atirando pasteis de nata em S. Carlos era porco; proibiam-me as porcarias e chamavam-me estúpido... Ah! isto é desolador, um carnaval que nem meteu uma facada...

—Lembra-me quando...

—Que eu não morri. Deixei de ser alegria e movimento para aqueles que mataram dentro de si a alegria e a mocidade. Pergunte-o áquelle portuguezinho que atirou uma *cocotte* ao olho duma artista, pergunte-o ao *Zé Funileiro* que se vestiu de mulher, se o Carnaval não foi divertido e verá que eu não morri. Aqueles que fazem troça de mim são os que já não podem brincar senão com as saudades... Por isso ando a monte, por isso me escondo...

—E agora...

—Vou começar a *reinar* a valer. Porque eu sou como todos, mascaro-me em 3 dias, mas vivo todo o ano. E' o meu direito á *Vida*. A esta hora nos guarda-roupas faz-se a grande troca de *costumes*, de disfarces... Volta a ambição a afivelar a mascara de Politica, o Roubo o *travesti* de Negocio, a Incompetencia o fato de Amor da Patria... O meu tempo é agora que começa... Adeus, são horas...»

E fumando um cigarro estica, bamboleante nas pernas, apertou-me a mão, e foi a correr assinar o ponto numa repartição onde era funcionario publico...

Do carnaval foi tudo o que vi e soube. E em minha frente, do fundo acre do meu cigarro barato, apenas ficaram... *cinzas*.

ARMANDO FERREIRA

POR lapso, foram atribuidos ao fotografo da *Ilustração Portuguesa*, Salgado, as fotografias que acompanharam a entrevista com Eugenio de Castro. O seu a seu dono... Quem teve a gentileza de acompanhar João Ameal a casa do grande poeta, foi o illustre fotografo Rasteiro, residente em Coimbra. Fica feita a rectificação.

MISS MABEL, a distinta quiromante que abriu o seu consultorio nas paginas da *Ilustração Portuguesa*, tem recebido inumeras cartas. No proximo numero começarão a ser dadas as respostas.

NA terça feira de Entrudo, o *Diario de Lisboa* publicou na secção *Chá das Cinco*, uma espirituosa cronica com o titulo de *Conceitos Gordos*... e assinada por Antonio Ferro. Como os conceitos eram magros foi facil de verificar tratar-se de uma cronica apocripa...

SANTA RITA PINTOR, nos seus tempos da Academia, conversava muito com um camarada que prometia vir a ser um pintor distinto. Santa Rita Pintor partiu para Paris. De regresso, ao fim de alguns anos, encontrou-se na Brasileira com esse velho camarada. Trocaram-se impressões, conversou-se sobre Arte e quasi á despedida, o amigo de Santa Rita Pintor manifestou o desejo de lhe fazer um retrato...

—Mas porque não? —respondeu-lhe Santa Rita.

—E aonde ha de ser?

—No meu *atelier* se quizer...

—Mas muito bem.

—Lá o espero então amanhã, pelas onze horas.

E Santa Rita num gesto de mão agradecido:

—Não faltarei.

Satisfeito pelo modelo encontrado, o academico pintor dirigiu-se para a porta. Quasi ao chegar lá, Santa Rita que o tinha seguido, deteve-o com esta pergunta:

—E diga-me... A maquina é boa?

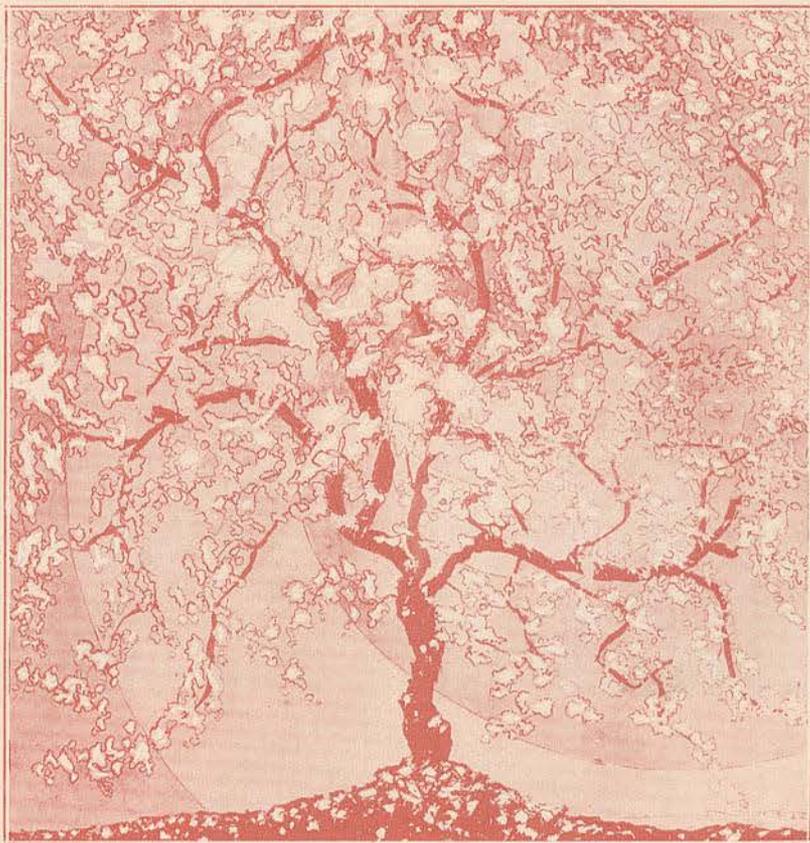
DISCUTIA-SE outro dia, á porta da Garrett, o nome de Erico Braga.

—Deve dizer-se Erico — dizia um.

—E' rico — dizia outro.

—Parece que ele está para ter uma herança — pôs alguém á margem da conversa.

—Nessa altura — concluiu Afonso de Bragança — não ha occasião para ter uma duvida... E' rico...



◻ A ◻ C A N Ç A ◻ D A ◻ A M E N D O E I R A ◻ ◻ E M ◻ F L O R ◻

Linda amendoeirinha em flôr,
Que encontro todos os dias
Ao ir ver o meu amor!

Com que ternura me fala
A alvura da tua graça
Que nenhuma outra iguala!

Alegre moira encantada,
Que noivas, todos os anos,
Mesmo à beirinha da estrada.

Tambem ha na minha vida,
— A' beira do meu caminho —,
Uma amendoeira florída...

Tem teu ar de virgindade,
Tem igual frescura e encanto
Na gloriosa mocidade...

Quando passo, e o meu olhar
Te beija, é no vulto d'Ela
Que eu vou sempre a meditar...

Emquanto, toda maguada,
Já ao longe, tu pareces
Um lenço, a acenar, na estrada...



ANTONIO CARNEIRO

FOI em Dezembro de 1911 que, no salão da *Ilustração Portuguesa*, Antonio Carneiro, amarantino de nascimento e portuense de adopção, pela primeira vez revelou globalmente ao publico lisboeta a sua supremacia de desenhista maximo e os seus meritos de pintor.

Desde então, nunca o silencio se apoderou totalmente do artista, devido sobretudo aos trabalhos com que tem realçado tantos volumes e publicações; mas só o ano passado, na Exposição dos Consagrados, Lisboa tornou a ver quadros dele.

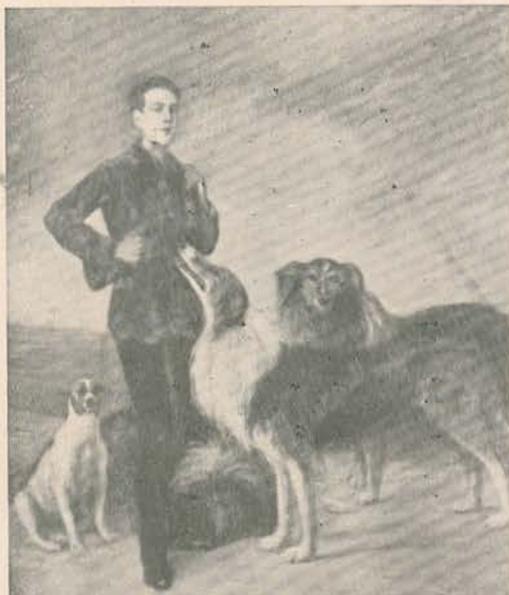
Antonio Carneiro, um delicado, mais ainda, um melindroso, receia sempre o contacto directo com o banal toda-a-gente. Não que as criticas o assustem; sim, porque

o magoam a parvoice e a ignorancia. A sua arte é tão essencialmente a sua vida, faz tão integralmente parte da sua pessoa, que o facto de a expôr num recinto acessivel a todos, lhe dá a mesma impressão que dava a Puvis de Chavannes: a de se mostrar nu em publico. Talvez por isso, haja estreado para a inauguração um fato

novo; para sentir o corpo bem coberto, já que tinha de patentear francamente a sua alma—acessorio que outros consideram dispensavel!

Da sua repugnancia á multidão derivam os longos periodos de isolamento, que ele, um fecundo, passa longe dos catalogos.

Como a todos os que trabalham, o elogio, o carinho, a deferencia, são-lhe tónicos poderosos, mas não os provoca, nem facilita, nem cultiva.



Companheiros

ligando mais importancia ao que fará do que ao que já fez. Intimamente feliz, quando a sua arte, sacerdotalmente exercida, satisfaz dalgum modo a sua inquieta, multiforme, aspiração de beleza.

E' dos artistas, poucos em todos os tempos, que não medem a sua trajetória pelos objectivos colhidos, pelos louros alcançados; só pelos novos esforços a empregar, pelo ideal cada vez mais alto a atingir; norteados pela luz que dentro dele arde e os bafos ruins não logram fazer vacilar.

Não dormita á sombra dos louvores, deixando que a fama lhe empurre o barco. Caminha em procura de novos horisontes; numa porfia incançavel, que, abrindo na sua obra uma ou outra solução de individualidade, atesta a sua insatisfeita ancia perante a vida, que, para esse melancolico scismador, é um perene deslumbramento, cheio do sortilegio das fórmulas e dos feitiços da côr.

Nenhuma estagnação rotineira. Ausencia completa de maneirismo. Um nobre artista, sincero e honesto, que tem ainda muito que dizer-nos

*

Festa da sua arte e dos nossos olhos, esta exposição começou por ser, a certos respeito, uma surpresa para o proprio artista, confinado pelas circunstancias ao ambiente carinhoso mas estreito da sua modesta residencia da rua Joaquim Antonio de Aguiar, no Porto, quasi fronteira ao cemiterio do Repouso.

Imaginem que, podendo hoje, a desenharem sanguineas de mulheres e de crianças, ter uma situação como a de Helleu, que se exilou para a America, nas mãos de Antonio Carneiro não pingou ainda o dinheiro bastante para lhe garantir a posse de um ateliê.

Os seus quadros de interior, como o

seu neovandiquiano *Companheiros*, têm sido feitos em deploraveis condições de iluminação e de espaço. A alguns, só agora o autor os pode ver sob a luz conveniente e com o necessario recuo.

Ficarão sabendo que a serie de retratos e paisagens expostas em Barata Salgueiro é uma especie de bando precatorio a favor duma melhor, duma indispensavel, instalação do artista. Essa fascinante ronda de fórmulas e côres visa a angariar cabedais que lhe assegurem parte do alimento que ele carece: a luz adequada de uma officina sua—esse outro pão do pintor.

Simpatica a todos os respeito, portanto, a exposição merece sobradamente o successo que a está coroando. O nome que a assina é, inquestionavelmente, o de um pintor; um pintor que tem a robustez-lo, por vezes até a dominá-lo, as suas prodigiosas faculdades de desenhista de alta linhagem.

Sem, de longe sequer, se aparentar com os chamados pintores literarios, Antonio Carneiro abomina da tecnica pela tecnica. A pintura, para ele, não é apenas a arte de colocar as côres. E' tambem a arte de sentir a fórmula através da côr, de fixar as nupcias da estrutura e do tom; o epitalamio do colorido, como elemento femineo, e do desenho, que é virilidade.

O seu processo plastico não se submete a normas inflexiveis; ondula, afeiçoa-se ao tema, improvisa ao sabor do assunto. Daí que seja possivel hesitar ante a paternidade de alguns quadros seus, e não possa haver duvidas sob a autoria dum seu desenho.

*

Como obra capital da presente exposição, ha os *Companheiros*—a arrogante figura do adolescente entre os belos *coolies* de estima, que um o bafeja amavel, outro



Ecce Homo

nos fita quasi humanamente, enquanto o terceiro se lhe estira preguiçoso aos pés, e o ultimo, um *fox-terrier* disciplinadamente hirto, se perfila obediente. Quadros que no Museu de Arte Contemporanea ficará muito bem.

Importante tambem, embora doutra maneira, que o pintor abandonou, o *Ecce Homo*: um Cristo orgulhoso e ultrahumanisado, em que o autor teve a fantasia de se tomar por modelo, de mãos ligadas, ao pé da coluna.

Inspiradas pelo filho musico, Claudio Carneiro — nome que vai figurar nos programas da Orquestra Colonne — *O Compositor* e *Ao Piano* são notas severas de recolhida intimidade.

E' um doce poema moderno de branco azulado a donzela sentada em frente ao sol frio da janela — *Reverberos* — como é uma linda estilisação verde a prerafaelista, *Virginia*, uma garota de Melgaço, á contra-luz dum fundo encantador de ro-maria.

Muito graciosas certas impressões da *No caes*, *Os guarda-sóis coloridos*, *Manhã radiosa*.

Estranhos de vigoria e alacridade outros aspectos salientes, como a *Paisagem de Guimarães* ou o pastel minhoto do n.º 47, *Nas Furnas*.

A maior novidade da exposição fornece-a o aguarelista. Foi o Rio de Janeiro, onde a guerra o surpreendeu, que converteu Antonio Carneiro ás tintas de agua, levando-o a atacar, com o mais simples dos processos de pintura, uma das mais grandiosas scenografias do mundo.

Pela espontaneidade da factura, pelo rigor da atmosfera, pela veemencia pleto-rica do seu azul guanabaresco, a colecção de aguarelas brasileiras é notavel, surpreendente até, pelo poder de expressão. Sem excluir a arte brasileira que conheço, creio que é esta a primeira vez que um pintor consegue dar, de mais a mais a aguarela, a interpretação exacta da esplendente luz azul da capital do céu mais escuro. Como joias de cobalto e areia branca a dardejar, os n.ºs 79 e 83 são pequenas maravilhas luminosas a que o Brasil, país de arte incipiente, não anda habituado.

Satisfeito por ter enriquecido a sua arte

com um novo meio, favoravel ao seu pes-soalismo e á rapidez da sua visão, Antonio Carneiro, insistindo na aguarela, vem-lhe imprimindo segurança e larguesa, obtendo o maximo efeito com o minimo esforço. A gárrula mancha *Um trecho do Porto* e algumas das anotações do Minho, como essas tão suaves da *Caricia do sol*, do *Bailado da luz*, de *O Terreiro silencioso*, *O Esteio* e *A Porta em vermelho* seduzem irresistivelmente.

A aguarela, não tenham duvidas, conta mais um mestre, e dos mais fortes, em Portugal.

*

Até aqui, a sala da direita. Na sala esquerda, ha o retrato e os desenhos. a graça maritima da petisa do aveludado *Oiro e Rosa*, a sibilina *Ester*, o perfil finissimo do *Riso*, a atraente *Madalena*, a petisada a chilrear no papel, a elegancia, o misterio senhoris, e alguns escritores, presididos pelo negrume eloquente do retrato de Junqueiro.

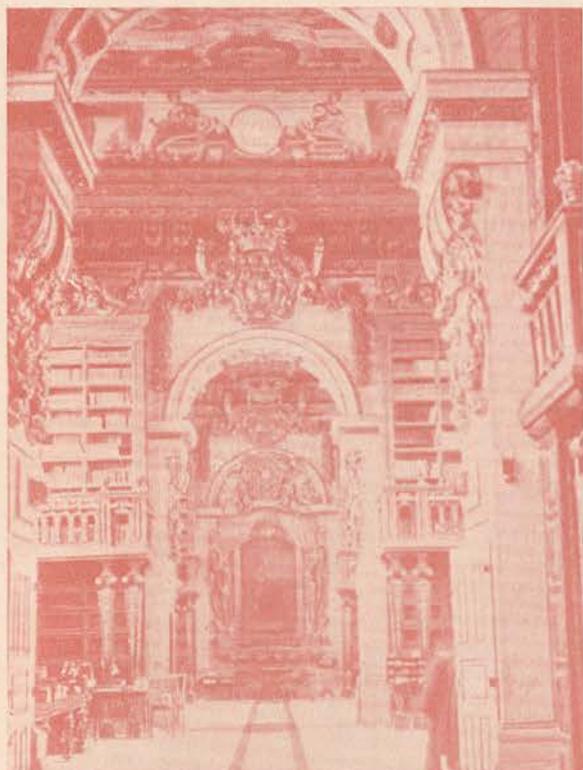
Estão ali os risos infantis e os dolentes sorrisos femininos, em que Antonio Carneiro se constituiu especialista. O bebé do n.º 109, neto de Alberto d'Oliveira é, na verdade, feito de rosada placidez pueril, da recemcarne alegre. Lembra um camafeu cheio de nobresa um retrato da senhora idosa. São duma semelhança perfeita, viviscentes de estilo e de sintese, o retrato tribunicio de Magalhães Lima e a máscara histriónica de Augusto Rosa.

Dos desenhos menores, apontarei o n.º 120, *Convalescente*, aleluia do artista que viu a espôsa restituída á vida, e os ultimos numeros do catalogo, *Meditativa* e *Ausencia*, delicadissimas de enlêvo paternal.

Ainda na escola, já Antonio Carneiro tinha pela expressão da face humana absorvente predilecção. Notava-lho um condiscipulo, chamando-lhe «cabecista».

Pois êsse «cabecista», a quem Soares dos Reis ensinou a modelar e Marques de Oliveira a pintar, é, hoje, triunfante, o grande artista de que o seu magnifico auto-retrato nos dá o apostólico semblante de sonhador extasiado.

MANOEL DE SOUSA PINTO



Interior da Biblioteca da Universidade

COIMBRA, TERRA HIERÁTICA

PARA conhecer a paisagem onde certamente os vitralistas medievais vieram buscar as côres adormecidas e languês, e para penetrar o seu espirito, interpretando a sua attitude original, é necessario ter aqui vivido durante anos e ter misturado a nossa vida interior com a espiritualidade da terra. Neste momento em que, com um sorriso maguadamente ironico, desejo recordar os dias aqui passados, vejo todos eles banhados da mesma luz translucida, clara, extatica, como se as horas que os contáram tivessem marcado o ritmo da propria paisagem. Todas essas horas que caíram do ceu do meu destino e por aqui se espectralisaram, agora surgem, destacadas do meu drama antigo com uma elegancia melodiosa, serenas, sorridentes, trazendo braçadas de lírios e anêmonas —as flores que nasceram no jardim das minhas alegrias e das minhas voluptuosidades... Mas essas horas, que recolheram, em vasos de ouro, o pó dos meus sonhos mortos, surgem com uma alma misteriosamente formada pela minha saudade e pelo espirito desta terra que me iniciou no misterio da Beleza, na elevação da Bondade, e no gosto heroico da Renuncia: todas essas horas se compõem em attitudes hieraticas, dando-se as mãos em bailados quasi litur-

gicos, sobre o fundo esmeraldino das colinas de curvas arcadicas...

E é agora, quando olho atraz no caminho andado, caminho de saibro de ouro por onde passou um cortejo de princezas e de dôbos,—que toda a minha vida aqui vivida me aparece descrita em paineis de cores gastas, já esfumadas pela morte e pela saudade. As scenas aqui passadas, umas de folia pastoril, outras rubras da beleza do Riso e do Sonho, passam diante da minha memoria com um prestígio hieratico, como simbolos que representassem não só o orgulho da minha adolescencia apolínea, mas tambem o orgulho de todos os outros que, como eu, cobriram o peito com o manto medieval da capa.

Aqui me surge, proximo duma fonte, á hora suave do crepusculo, quando a luz se esquece numa auréola, aquela *tricana* (talvez a Leonor do vilancete...) de olhos sentimentaes e cabelo louro apartado ao meio, numa casta elegancia: A sua attitude é duma sábia nobreza de linhas; o cântaro apara a agua que cae da fonte: e tudo se harmonisa numa sobriedade esbelta, estilizada pela magia da minha saudade que anda a roubar á paisagem camoneana a luz para os seus vitraes...

Mas o espirito da paisagem segreda-me o ritmo e

o sentido da minha evocação: a minha mocidade aqui passada surge como um símbolo que, á luz duma alva quimerica, abrangesse toda a alegria moça, a ansiedade juvenil, a plenitude dos sonhos que envolvem a vida num luminoso circulo encantado. E eu tenho, deante da evocação, o orgulho da minha juventude aqui passada e que milagrosamente eu resuscito com um encanto heroico, cheia de claridade. Vejo-me como um iniciado artista que, por mercê da paisagem, poudes neste seculo de chamas e de derrocadas conhecer a olimpica nudez da vida e ajoelhar, com divina piedade, deante da sua imperfeição e da tristeza miliaria dos seus pecados.

E essas horas que marcaram no meu destino ios idilios e as melancolias, confundiram-se com a alma da paisagem e por ela espalharam o aroma da minha saudade... Vejo quanto o espirito da terra me dominou, embebedando-me com o seu filtro, que em sonhos me conduziu aos jardins de Iseu. Sob a influencia embruxada desse filtro, que tantos enfeitiçou, eu pude escrever a legenda aurea da vida e da morte. Nessa embriaguez, o mundo emergia na luz extatica, serena, impassivel, duma aurora mistica... Em linhas dum hieratismo liturgico, todas as cousas me enlevaram, como se a abstração duma quimera viesse apagar o tumulto rubro e violento da vida banal.

E' curioso que eu, desejando falar sobre a terra e

serenamente traçar as suas características, viesse afinal, a discorrer sobre mim, num egoismo individualista, identificando com a paisagem a paisagem da minha alma. E' esse mesmo o sortilegio desta terra. Sinto que a minha saudade veio ilustrar com uma nova iluminura a sua legenda dourada. Deante de mim proprio vejo-me embruhlado na minha capa, numa atitude rigida como um cavaleiro. Assim hieraticamente tudo eu evoco nesta terra, — tudo o que por aqui passou e se desfez, deixando a memoria dourada da sua existencia...

O espirito desta terra é hieratico como o dum sinfonista religioso. Foi ele que concebeu a tragedia de D. Pedro e Dona Iñez. Foi ele que inspirou a transladação da *misera e mesquinha*, até Alcobaça, por entre filas de tocheiros acesos, que transformaram a noite num fantastico jardim. As liricas de Camões copiaram o ritmo da sua beleza. E os proprios cantares nasceram do seu sopro creador, assim esbeltos e donairosos como corpos de donzelas surpreendidas nalgum bailado vicentino... E é ele que agora neste momento inspira a minha saudade e faz reviver, como em vitraes, todos aqueles dias encantados da minha mocidade de heroi vencido pelo misterio da vida e da morte.

ERNESTO GONSALVES

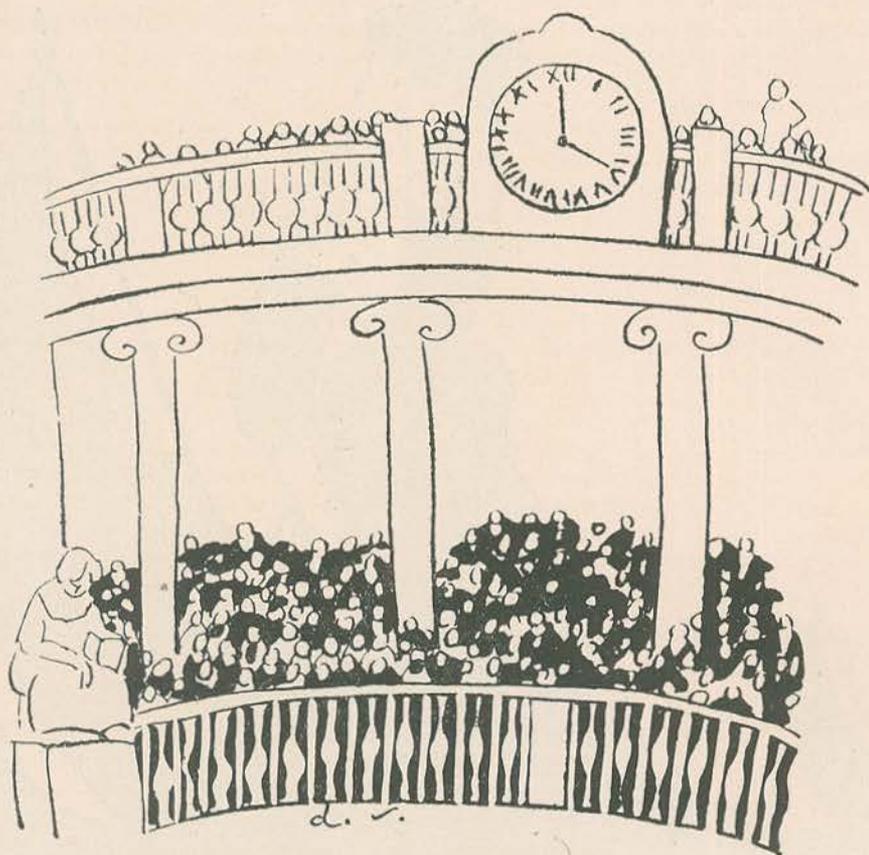


Igreja de Santa Cruz



MARIO PACHECO, UM ADMIRAVEL DESENHADOR QUE TEM A VOLUPIA DE VIR POUCAS VEZES A PUBLICO, SOUBE DAR, NO DESENHO QUE HOJE REPRODUZIMOS, TODA A FRESCURA DA MULHER DE OVAR, UMA FRESCURA DE ONDA E DE CANTIGA. MARIO PACHECO SABE ESTILISAR, COMO POUCOS, OS NOSSOS TIPOS REGIONAIS, SABE DAR-LHE TODA A HERALDICA DA RAÇA. PENA É QUE ELE NÃO QUEIRA SAIR DO SEU ISOLAMENTO, QUE ELE NÃO QUEIRA DAR MAIOR LARGUEZA Á SUA ARTE RARA. AÍ FICA A OVARINA, A OVARINA DE SAIA CAPRICHOSA, DE OLHOS SALINOS, ELEGANTE COMO UM MASTRO

A SEMANA DE S. BENTO



QUANDO entrei na tribuna dos jornalistas, o hemiciclo do Parlamento esfumava-se sob uma luz macia de *atelier*, uma luz morna de sensualismos cálidos, mais própria para sonhos de voluptia do que para a áspera tempestade das catilinárias políticas.

Desertas as galerias, desertas as bancadas, deserto o púlpito monumental da presidência...

Uns vagos contínuos, de casacas verdes estreladas a botões amarelos, deslisam sobre as alcatifas sangrentas, como sombras.

As grandes figuras decorativas, de mármore suavíssimo, meditam à beira das balaustradas.

No grande relógio da

sala os ponteiros indicam duas horas e meia.

Passo os olhos pelos frisos, pelas colonatas.

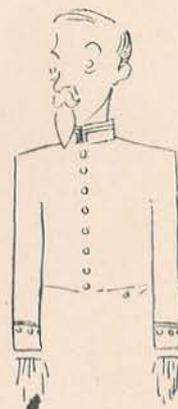
Um rumor de passos chama-me a atenção. É um deputado que segue direito ao seu lugar e depois de bater varias vezes a tampa da cadeira se dispõe a escrever.

Atiro o sobretudo ao acaso. Preparo o lapis e o papel, para desenhá-lo.

Nas galerias alvoreceram agora duas esbeltas silhuetas de mulher. Os seus passos repetem-se no eco, como goticas arcadas das catedrais.

Agita-se o reposteiro da tribuna onde estou. Entra um jornalista que se senta, a tomar notas.

Dos Passos Perdidos evolva-se um ténue bafo



de conversas... Três, quatro deputados mais, atravessam a sala, distribuem-se pelos «fauteuils».

Sento-me, esperando a hora incerta da abertura da sessão.

Haverá número?

Puxo de um cigarro. O fumo sobe, flexuoso e azul, em arabescos.

Ponho-me a pensar na politica: nos homens que por ali passaram, que ali caíram, que ali ergueram, vitoriosamente, a flama do seu triunfo...

Fico a dissecar, em «rêverie», os desalentos, as incertezas, as ambições tremendas que todos os dias cruzam aquelas portas simbólicas sobre as quais se ergue a força magestosa dum leão...

E senti crescêr em mim um irreprimível interesse pelas vicissitudes da roda da politica — aquela roda da fortuna que tanto anda como desanda, cheia de côr e de movimento, como as tómbolas das feiras...

A politica!

O ambiente tépido, a luz penumbrosa, a solidão, penetram-me de uma volúpia estranha, de um adormecimento caricioso, de uma deslumbrante incoerencia de pensamentos que me tomou todo, e me beijou nos olhos, forçando-me a cerrá-los, docemente.

Cai a Paz e o Sonho sobre a sala misteriosa de silencio. No entanto, nesta religiosidade de claustro, branda, mimosa, florescente, eu sinto, eu pressinto, lá fóra, no mundo convulso, o tumultuar formidando de lutas ancestrais...

Ideias de Monarquia, ideias de Republica, ideias de comunismo...

O Homem procura em vão a sua felicidade.

E aquelas cadeiras que ali estão, vazias, de braços suplicantes, pertencem, por direito, por mandato, aos delegados desses grupos em luta na demanda ideal da felicidade...

Na ancia dessa felicidade ignota, ainda, os povos mandam ali os seus delegados para que falem, falem muito, para que gritem, não vá a felicidade esquecê-los por não lhes ouvir as vozes suplicantes, por não atinar onde eles estão...

Ha fórmulas de felicidade como ha fórmulas de *recipe*. Essas fórmulas teem modas.

Os homens a quem aquelas cadeiras esperam, de braços abertos, defendem, por grupos, certas fórmulas, apaixona-se, cada um, por certa moda...

Machiavel, um dia, ensinou aos príncipes a sciencia de governar: Nada deve impedir os fins. A felicidade dos povos a tudo justifica. Se para governar é necessaria a traição e a morte, aplique-se a morte e a traição... Foi a apologia do punhal e do veneno!

Mais tarde, Richelieu e Mazarino proclamaram que a grande sciencia da politica residia no conhecimento da psicologia individual, — descobertos os seus cordeis, as vaidades movem-se, como fantoches... Era a apologia da intriga!

Veiu Napoleão, o Corso, e á frente dos seus exercitos decretou a paz sob o jugo da força, o equilibrio dos Estados pelas escoras militares... Era a apologia da conquista e do poder absoluto!

Quer pelas drogas quimicas, quer pela decifração de personalidades, quer pela espada ovante, sempre a humanidade miserima tem sofrido e tem lutado pelo seu ideal de felicidade.

Por isso ali estavam, de cabeça baixa, meditando como eu, as figuras enormes e sagradas da *Patria* e da *Historia*, alvissimas no seu marmore imaculado!

Um rumor vago, chegava-me indistintamente aos ouvidos, — gargalhadas, chalaças, frases dispersas...

Mudei de posição: inclinei-me sobre a bancada.

Portugal mandava, á minha memoria, as grandes figuras dos defensores, pela voz, dos seus direitos...

Portugal mandava-me a figura nobre de João das Regras, vulto flácido e envelhecido do doutor Mangaancha em cujos olhos muito vivos andava a boiar a luz absorvida em tantos livros de maravilha...

Vi o Marquez de Pombal, autoritario, violento; vi Fernandes Tomaz e Passos Manuel falando em nome dos sagrados direitos do Povo; vi Almeida Garrett espartilhado na *redingote* verde-escura e nas frases esbeltas do discurso do *Porto Pireu*...

José Estevão...

Mas um rumor mais forte chocou-me, em sobressalto.

Doia-me o corpo da posição incomoda. Abri os olhos, entorpecidamente...

A penumbra era mais triste e mais doce.

Tinha dormido bastante: eram tres horas no relógio da Câmara e o sr. Antonio Maria da Silva lia a declaração ministerial...

O ELOGIO DAS HORAS

VIII

(CONTINUAÇÃO)

OITO horas da manhã... A cidade agita-se, murmura, ergue-se nos bicos dos pés, recebe a Taça do Sol, bebe-a num trago...

Pelas ruas, a marcha é um bailado; fala-se, canta-se, grita-se... Os risos desprendem-se das bocas, como balões

coloridos que se soltam nas mãos duma creança... Os pregões sonoros, expressivos, soam, cada vez mais alto—letras grandes, maiúsculas, no cartaz vermelho da manhã... Corcovadas, rabugentas, as carroças passam, a resmungar...

Nos estabelecimentos ralharam as portas onduladas, estiraçadas, que se zangam, que se irritam com quem as desperta, com quem as obriga, brusquemente, a levantar-se, num apice...

*

Oito horas da manhã... A Hora do Mercado—o harem das frutas, dos legumes, das aves, das flores...

Mercado Oriental, colorido, irrisado, mercado de escravos, em Bagdad...

As maçãs obesas, volumosas mas tentadoras na sua carne branca, exibem-se provocadoramente... Os pecegos amaneirados, efeminados, empastados de carmim, enlanguescem, comprimem-se, roçam-se com volúpia, nos leitos apertados das cestas em que os deitaram... Os peros meudos, tenros, frageis, ameminados, são corpinhos nus de creanças, a rebolem-se—circunferências de carne com o centro no umbigo... Morenas, aziáticas, magestosas, as Rainhas Claudias com seu sequito de ameixas, recordam, saudosamente, a realeza perdida dos pomares... As laranjas, bolas de ouro na árvore do Natal da Natureza—oferecem-se na gelatina das cascas á tentação dos nossos dentes... A um canto do mercado ha montes de cachos de uvas—uvas brancas, amarelas, roxas, pretas, vermelhas—despojos da ultima conquista, talvez os pendurados brincos com que a Paisagem se adornava...

Em outros lugares de venda, exibem-se os legumes: as batatas musculosas, bronzeadas—berbéres vencidos que aguardam novo dono—as ervilhas muito verdes, repletas de vidrilhos, de contas de colar; as favas disformes, anãs, taradas, encerrando-se, aglomerando-se nas cascas, como em carceres estreitos, apertados...

Em largos taboleiros, as hortaliças—couves, re-

polhos e grelos—rodadas, rendilhadas, farfalhantes, são a roupa branca da Terra Mãe...

Na alegria panteista do mercado, aqui, ali, acolá, erguem-se, ao alto, nas mãos, molhos de nabos e de cenouras—vivos, esguios—girandolas de foguetes a estralejarem no espaço...

As bananas, os melões, os pepinos, as aboboras, as melancias, são as pedras, os petardos, com que a Natureza resistiu, inutilmente, aos homens que a atacaram, que a despojaram, que a saquearam, aprisionando-lhe os fructos, os legumes, as flores, agora, ali, á venda

naquele mercado oriental, irrisado, scheherezadado, mercado de escravos, em Bagdad...

Por toda a praça, na pedra das mesas dos logares, ha aves depeçadas, em farraços sangrentos—galinhas, pombos, perus—ovelhas dilaceradas pelos lobos das nossas mãos, as nossas mãos traiçoeiras—garras enludadas com a nossa pele...

Por toda a parte flores, muitas flores, a aconchegarem, a cobrirem o cadaver mutilado da

Natureza, exposto, ali, no Templo Pagão daquele mercado estranho—harem de fructas, de legumes, de aves...

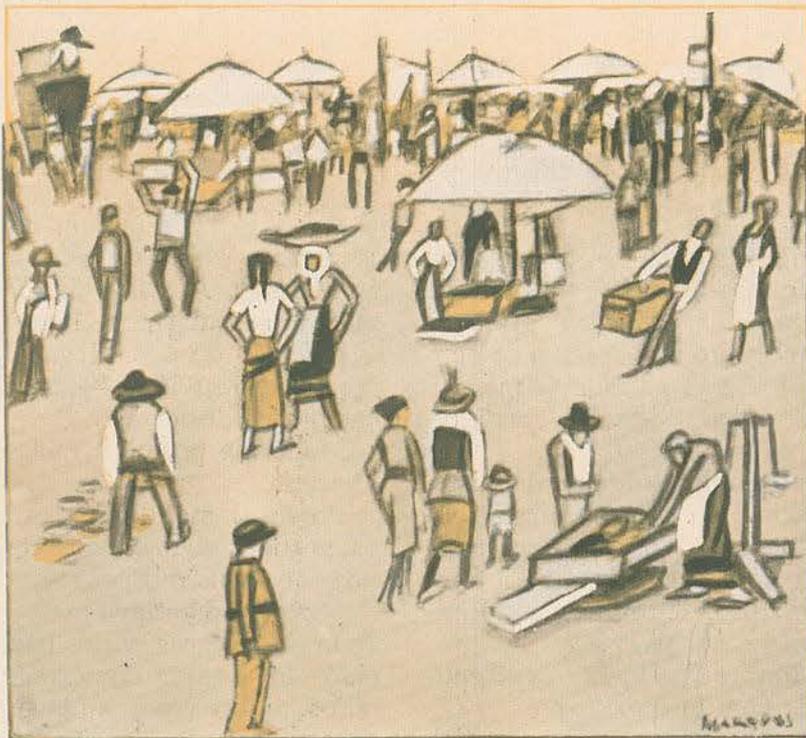
*

Oito horas da manhã... Hora das fabricas, das escolas, dos ateliers...

Os operarios—reguas de aço que dobram mas não quebram—juntam-se, aglomeram-se em frente aos portões das fabricas, aguardando a hora de se mecanisarem, de se desumanisarem nos guindastes, nas correias, nos cilindros, de irem pôr em movimento este orgão da Barbaria que é a vida, orgão sonoro, destrambelhado, dissonante, orgão que só consegue mover-se, que só consegue ouvir-se, com os operarios de todo o mundo—á manivela...

A Hora das escolas... Hora em que o rapazio, livros debaixo do braço, como bilhas, corre á fonte da Sciencia, a encher os cerebros...

A Hora das costureiras... Revoadas de *midinettes*, mal emplumadas, a tiritar com o frio da manhã, acolhem-se aos ninhos dos *ateliers*... As suas mãos asperas, enrugadas pela vida, amaciam-se no talhe dos vestidos... Esfomeadas de ternura, ameigam os corpos nos crêpes, nos setins, nas sedas que lhes passam



pelas mãos, e quando, á noite, despem a pobreza das chitas e das casimiras, quando os seus corpos se entregam, a sua propria carne é já de seda, uma seda roçagante que se comprime, que se palpa—mas nunca se enxovalha...

Oito horas da manhã... Hora em que se descerra, no Teatro da Vida, o pano azul do ceu, em que o Sol chega á ribalta para declamar o Dia...

X

Nove horas da manhã... A hora do correio, a unica hora que em vez de bater no relógio, parece que bate á porta...

A hora diabolica que, após os pratos caídos das nove horas, faz surgir, frente a nós, o Satanaz do carteiro, cinico, misterioso, enigmático, remexendo com as tenazes dos dedos a fogueira do saco, e atirando-nos as cartas — como brazas.

Não ha melhor despertador do que uma carta. As letras ruidosas dos sobrescritos são campainhas que se não calam, que, implacavelmente, nos despertam...

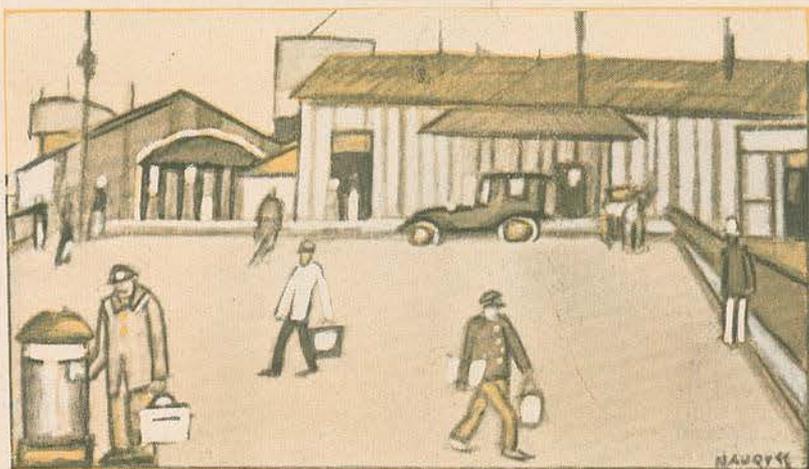
A guarda avançada do dia chega á nossa porta: o padeiro, o garoto dos jornais, o leiteiro... Cada um deles desperta um habitante da casa, que acorda sobressaltado, na obsessão, na convicção de que chegou a hora do correio... Esclarecido o engano, já não merece a pena regressar ao leito, e quando, de facto, o carteiro — o homem do Saco das pessoas grandes — bate á porta, já vem encontrar todos erguidos, no vaim das casas para as janelas, a embriagarem-se, a definharem-se no opio dos minutos... Bateram, agora, á porta: é ele, com certeza... Depois de bem acordados já não ha enganãos, já se distinguem os timbres... O carteiro tem um timbre muito seu, um timbre risonho, cristalino, que é a propria campainha da porta a dizer, a casquinar: correio!... Alvoradamente vamos abrir a porta (todos nós somos os porteiros dos correios da nossa area...) quasi que lhe arrancamos das mãos a carta desejada, lemos a direcção, perscrutamo-la, procuramos adivinhá-la, antes de a abrir... Uma carta é um dominó de seda branca... Numa voz esgançada, as letras do sobrescrito intrigam-nos: «Conheces-me?» E a irritar-nos, a aguçar-nos o interesse, atiram-nos pormenores sobre a nossa vida, dizem-nos o nosso nome, a rua onde mo-

ramos, a profissão que temos... Num dado momento, irritados, exasperados, arrancamos-lhe a mascara — rasgando-lhe o sobrescrito — olhamos-lhe para os pés — indo ler-lhe a assinatura — e por ela, pelos pés elegantes ou grosseiros, avaliamos se merece a pena perder tempo — a lê-la...

Se a carta é dalguem que estimamos, com que alegria, com que volúpia, os nossos olhos sugam as frases, beijam as letras, voltam a lê-la, numa carícia repetida, insistente, carícia em que se desfalece, por fim, atirando os olhos para o vago...

Se quem nos escreve, porém, não nos merece consideração, nem, sequer, desprezo, com que tedio, com que nausea, amarfanhamos a carta, a martirisamos, rasgando-a, torturando-a, por ela não conseguir ser a carta que esperavamos...

Nove horas da manhã... A Hora da Ansiedade, a Hora tragica, quasi homicida, quando o



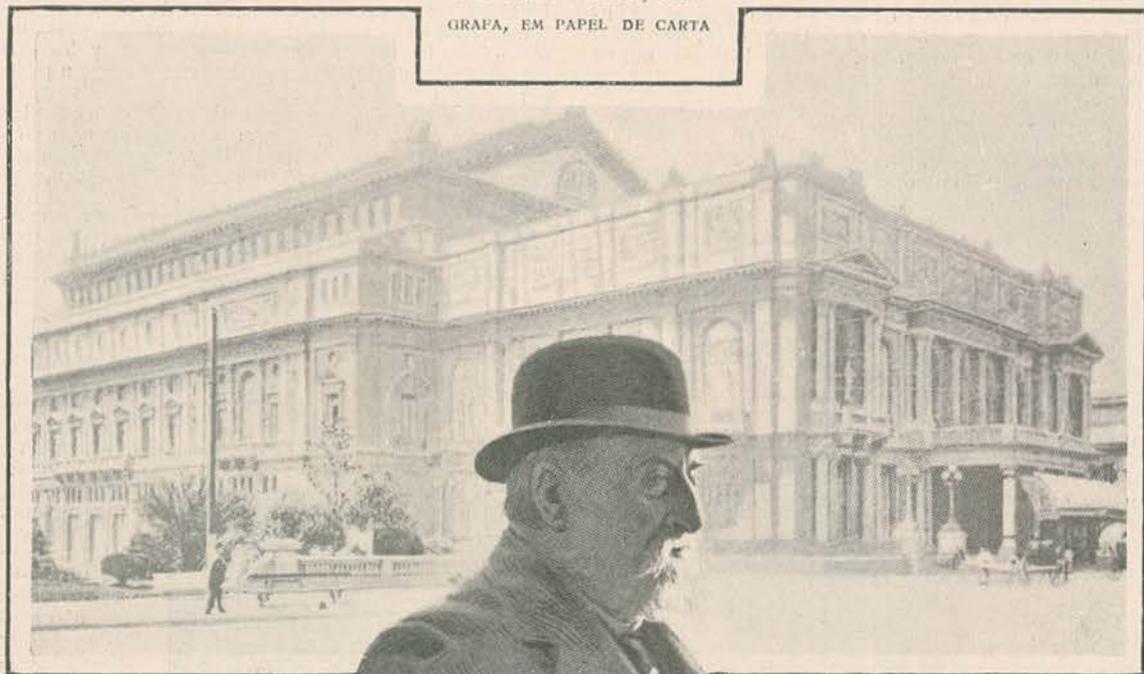
nos a impaciencia... Depois de parar, frequentes vezes, a conversar com os interpretes da Rua — os policias, os porteiros, os vendedores — chega, por fim, debaixo da nossa janela... Cá de cima, por vezes, á altura de um 2.º andar, na carta que fica ao cimo do maço, já nós lemos o nosso nome, já nos parece conhecer aquela letra... Ei-lo que sóbe... (Os carteiros quando sobem as escadas dão a impressão que trazem as nove horas nos passos...) Detem-se ainda, uns momentos, no primeiro andar, vai, finalmente, subir o ultimo lanço, antes da nossa porta... Dir-se-hia que ele hesita... Abrimos o ralo... espreitamos timidamente... O perverso! Com indiferença sem olhar para a nossa porta, êle continua, imperturbavelmente, a subir as escadas, deixando-nos, cá em baixo, na amargura, nas ruínas do nosso sonho desfeito... E' lá possível? Quem sabe... esperemos ainda... Talvez ele se tenha esquecido, se tenha enganado... Vai voltar, vai bater á nossa porta, decerto... Esperamos enquanto ele se afasta na rua, enquanto as nove horas da manhã, a Hora do Correio, tiver minutos, — tiver vida, portanto, para haver esperança...

ANTONIO FERRO

SAINT-SAËNS DESCONHECIDO

UM HINO QUE POUCOS CONHECEM E QUE ACARRETOU DISSABORES AO MAESTRO DE «SAMSON ET DALILA

UMA FRASE MUSICAL, AUTO-
GRAFA, EM PAPEL DE CARTA



GUITRY, o inexcusável Lucien Guity, acabara de me falar de Portugal, com entusiasmo, no átrio do Odeon, em Buenos Ayres. Despedimo-nos. Ele ia ensaiar, meter-se na pele de *Béjun de Les Deux Canards*, tres actos de Tristan Bernard que iam, á noite, em *funcion extraordinaria fuera de abono*, e eu dirigi-me ao *Cecil Hotel*, na Avenida Mayo, onde me avistei, pela ultima vez, com Abel Botelho.

Nesse grande hotel que, tal como o *Plaza*, era um viveiro de celebridades mundiais, vivia num quarto, agasalhado e deserto, o maestro Saint Saëns cujo enterro, em Paris, constituiu uma das apoteoses mais recentes.

Camillo Saint Saens, era, sem duvida alguma, a figura primacial, o expoente maximo da França musical contemporanea. Lutando abertamente contra os iconoclastas varios que procuravam firmar a beleza da musica na «ausencia da melodia», nem por isso deixou de, por vezes, se transfigurar, com maravilhosa habilidade, apresentando-se-nos mais engendroso do que emotivo. Mas, ainda assim, a clareza, a ordem, a medida, a elegancia com que, juntando notas musicais, sabia impôr obras primas, serviram

de base a varias manifestações de uma harmonia austera e modelar.

Combateram-no em determinados momentos e, como resposta aos seus detractores, maldizentes mediocres, disse algures: «Pede-se ao musico que oculte a sua sciencia. Pois bem: no que se entende por sciencia é, em tal caso, simplesmente o talento. Ora, quando se possui esse dom é para ser usado e não para ser metido na algibeira...»

—Tinha razão para falar assim quem, tendo nascido em 9 de outubro de 1886 já em 1871 fundava, em Paris, a famosa *Societe Nationale* com a divisa *Ars gallica* que tão profunda influencia veiu a exercer na arte musical francesa. Os seus estudos de órgão, piano e composição no Conservatorio de Paris, o seu aperfeiçoamento como o discípulo de Charles Gounod, o triunfo da sua primeira sinfonia, executada num concerto *Pasdeloup*, sem revelar o nome do autor, concorreram para o assinalar com vantagem entre a pleiade dos vitoriosos de então.

Saint-Saens é, acima de tudo, um sinfonista e

todavia não é esse o genero que marca a feição da sua obra, toda ella irregular, sem escola e sem sistemas. Cultivando, com rara maestria e bizarra execução, as fórmulas classicas que nele encontraram um modelo de seriedade, foi, muitas vezes, descriptivo, causando a admiração de Berlioz e Liszt, seus amigos. A sua arte revela-se, iluminada e inimitavel dentro dos moldes classicos e severos da chamada musica de camera. Em 1877, Saint-Saëns fazia representar, por influencia de Liszt em Weimar, Bruxelas e Ruão, com extraordinario successo, a *Samson et Dalila* que havia terminado em 1874 e é justamente considerada a melhor de Saint-Saëns. A Opera de Paris só, uns vinte annos depois, abriu, de par em par, as suas portas a esse maestro já consagrado e que era musico

Samson et Dalila (já citada) e *Le timbre d'Argent*, *Etienne Marcel*, *Henri VIII*, *Ascanio*, *Les Barbares*, *L'Ancetre*, *Déjanira* e *Proserpina* que foi regida pelo autor no nosso Coliseu dos Recreios.

Varias dessas operas foram compostas sobre librettos do proprio Camillo de Saint Saëns porque esse espirito, fóra do vulgar, não se satisfazendo com o logar que marcára na arte musical, foi tambem o poeta das *Rimes familières*, o critico da *Harmonie et melodie*, *Portraits et Souvenirs* e *L'école brissonnère*, o polemista brilhante e até o cientista que chegou a enviar communicações ao «Boletim da Sociedade Astronomica» de Paris, em cujas sessões algumas vezes discursou com gerais applausos. Abordava assuntos diversos com a mesma facilidade e bizzarria com que

O hino do Partido Colorado, do Uruguay, composto por Saint-Saëns

«por direito divino» como dele dissera um biografo, Miguel Mastrogianni, salvo erro.

Tres annos depois, Lisboa applaudia-o especialmente grata pela sua barcarola *une nuit de Lisbonne* e, em 1906, quando, em S. Carlos, executou varias composições suas no proprio dia em que Mancinelli dirigiu *Le Déluge* desse immortal poeta francez. Deve-lhe tambem a nossa capital a audição da sua *Africa* extraordinaria fantasia para piano, duma beleza exuberante e raro colorido. Alcançada a primeira vitoria ruidosa, que foi incontestavelmente a da *Samson*, toda a carreira artistica foi uma colheita de triunfos, qual deles o maior, encontrando nos applausos um forte incitamento para a vasta obra que nos legou.

Figuram no escriptorio que a sua inspiração produziu belas sonatas e symphonias, maravilhosos trios, quartetos, quintetos e concertos, fantasias, estudos, rapsodias, preludios, fugas, choraes e operas como

forjara os *Poemas symphonics* e a *symphonía em dó menor*...

Por isso ornava-lhe o peito as insignias da nossa Ordem de S. Tiago da Espada, do Instituto de França, da Academia de Belas Artes da Prussia e das Reaes Academias da Espanha, Suecia e Belgica. O Conselho da Legião de Honra concedera-lhe o grau de Grande Official e a famosa Universidade de Cambridge contava-o entre os seus mais valiosos e celebres elementos como doutor em musica.

E era esse vulto, cuja vida patenteava uma sementeira de glorias, que eu tinha ali, deante de mim, num quarto do *Cecil Hotel*.

Depois de termos falado na nossa passagem por Montevidéo:—Ele fazendo musica, grande entre os maiores, deixando atraz de si o traço glorioso da França, eu, pequeno entre os humildes, fazendo conferencias sobre o meu Portugal distante e subindo do

Victoria Hall á cathedra do Ateneo, rodeado da fina flôr intellectual uruguaya que admira sinceramente Queiroz e Junqueiro, alargamo-nos em considerações sobre as horas de prazer e desprazer nos dias de exilio forçado ou voluntario. Preocupara-o pouco o movimento *chic* da *calle Serandí*, equivalente á nossa rua do Ouro ou ao Chiado; não o impressionara a roda elegante e critica da confeitaria *Telegrafo*, onde esvasiando um *cok-tail*, uma *cola* ou *vermouth* ou mesmo um calice de genebra *Bols*, se fazem ou desfazem reputações intellectuais e artisticas. O que mais lhe abalára o espirito fôra o destempero dos ataques desabridos com que a politica local o mimoseára. Mas como fugir ao destino dos homens de genio se os proprios filhos do pais, como Rodó e Zorrilla San Martin, viviam ao desamparo encerrados nas suas *torres de marfim* das *calles Cerrito* e *Rincon!*? E' que no Uruguay a politica cifra-se no embate constante e formidavel de dois grandes partidos:—os *blancos* e os *colorados*, conservadores. Camillo Saint Saëns, muito solicitado por algumas figuras politicas marcantes, solicitações essas que não foram totalmente desconhecidas da elegante sociedade feminina *Entre Nous* incumbida de receber festivamente os homens de genio vindos de estranhas terras, acedeu a compôr o hino partidario dos *colorados*. Não foi preciso mais para que, horas depois da publicação daquela produção musical, num dos diarios de Montevidéo, rompessem os maiores improperios da opposição que se estenderam da *Aduana* ao *Cerro* e daí, a *Pocitos*, ao *Parque Urbano*, a *Capurro*, *Carrasco* e *Piriapolis*. «*Que veiu cá fazer o maestro Saint Saëns:—musica ou politica? Com que direito intervém esse maestro na politica nacional?*» Como estas outras perguntas surgiram, com insinuações mais ou menos asperas e até com caricaturas alusivas á *Dansa Macábra* do mesmo autor aproveitando-a como motivo para o metter a ridiculo. Fôra isto em Julho de 1916. O hino que tal celeuma provocou é o que vai aqui reproduzido em gravura. Saint Saëns, cuja morte recente cobriu de luto as ruas de Paris e entristeceu toda a França e com ella todo o mundo artistico, respondeu a essas inconveniencias com o gesto generoso de fazer rever-

ter a favor de uma sociedade francesa de beneficencia os mil pesos, ouro, pagos pelo hino que, por ter um cunho local, ficou, por assim dizer, encerrado nas fronteiras uruguayas. Buenos Ayres desanuviou o espirito do maestro cobrindo-o de palmas no teatro *Cólon*, recebendo-o com um entusiasmo quente, tanto mais vibrante quanto mais violenta fôra a campanha oposicionista no Uruguay... Velhas rivalidades entre nações visinhas que dariam um interessantissimo capitulo para um livro de politica internacional sul-americana.

A imprensa buonairense dedicou-lhe inumeras colunas, publicou-lhe a fotografavura e Alonso, na *Caras y Caretas*, e Caó, no *Fray Mocho*, dedicaram-lhe os trabalhos que tambem reproduzo. Conservo em meu poder, carinhosamente, o original do segundo.

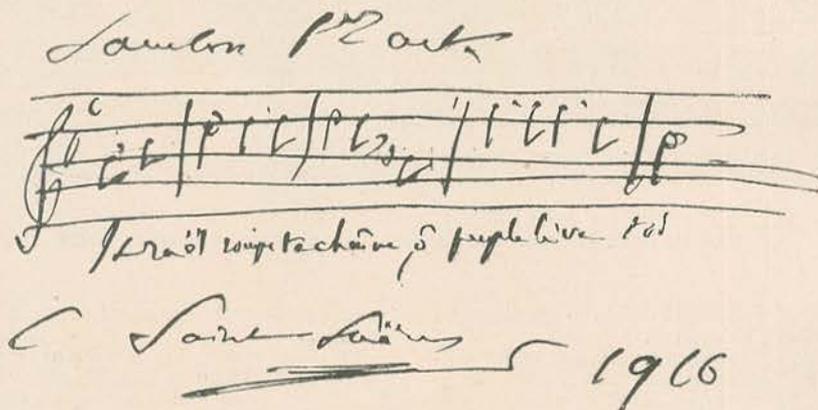
Portugal foi abordado na nossa conversa e Saint Saëns teve palavras de grande admiração pela nossa historia e pela nossa terra fazendo vibrar fortemente o meu orgulho, nunca desmentido, de ter nascido português.

Passou depois, numa gradação curiosa de imagens e de frases, como se estivesse compondo um novo poema sinfónico, a apreciação rapida mas interessante dos *estilos* nacionais, dos *vidalitas* (modas populares com refrem), dos *cantares de contrapunto* (ao desafio), das famosas *tonadas* (toadas populares), que contrastam com os *tangos* e *tangos milongas* que invadem os salões, num ar soberbo e aristocratico, nessa terra dos *pampas* onde rareiam os *ranchos* (choupanas) á sombra dos lendarios e afamados *ambus*.

Anoitecia. Saint-Saëns, mesmo sobre uma folha de papel de carta para uso dos hóspedes do *Cecil Hotel*, escreveu rapidamente uma frase do primeiro acto da sua *Sanson*. Evejo-o agora evocando aquella formosa e fria tarde de Buenos Ayres. Parece-me até que ainda sinto, sobre esse tão precioso pedaço de papel o calor da mão que tive entre as minhas e que deu várias paginas de gloria á França imortal.

MARIO MONTEIRO

Da Academia de Sciencias de Portugal



Um autografo de Saint-Saëns

AS TRES MASCARAS

O estrudo menos impertinente é aquele que o calendario regista como tal. Nesse, ao menos, a gente distingue bem a caracterisação e sabe que a mascara é mascara. No outro, no que principia logo apoz o badalar do ultimo toque de terça-feira-gorda, o convencionalismo e confundivel postico salvaguardam-se e velam por tudo, de modo que empulhado tambem se anda. Nem descortinamos a sinceridade, nem matamos o falso. As convenções enfarruscam as realidades e estas fingem de acasos. O fato tapa o verdadeiro—o fingido cobre o genuino. E até á barbaria se chama civilisação, ao passo que nos tres dias, a brutalidade, a estupidez e o inacreditavel se classificam de—natural...

As duas quadras se equalam.

Conheces-me?! Quem sou eu?!

Tal é o santo e tal é a senha mais insubstituiveis e correntias da existencia...

Vive-se em permanente mascara-da, sem nos conhecermos a nós proprios, nem conhecermos os outros. Cada um de nós traz a mascara que na face lhe afivelou a forçosa aparência da sua vida. Esta mascara só o amor a faz tirar, o amor e tambem a morte, finalmente... O

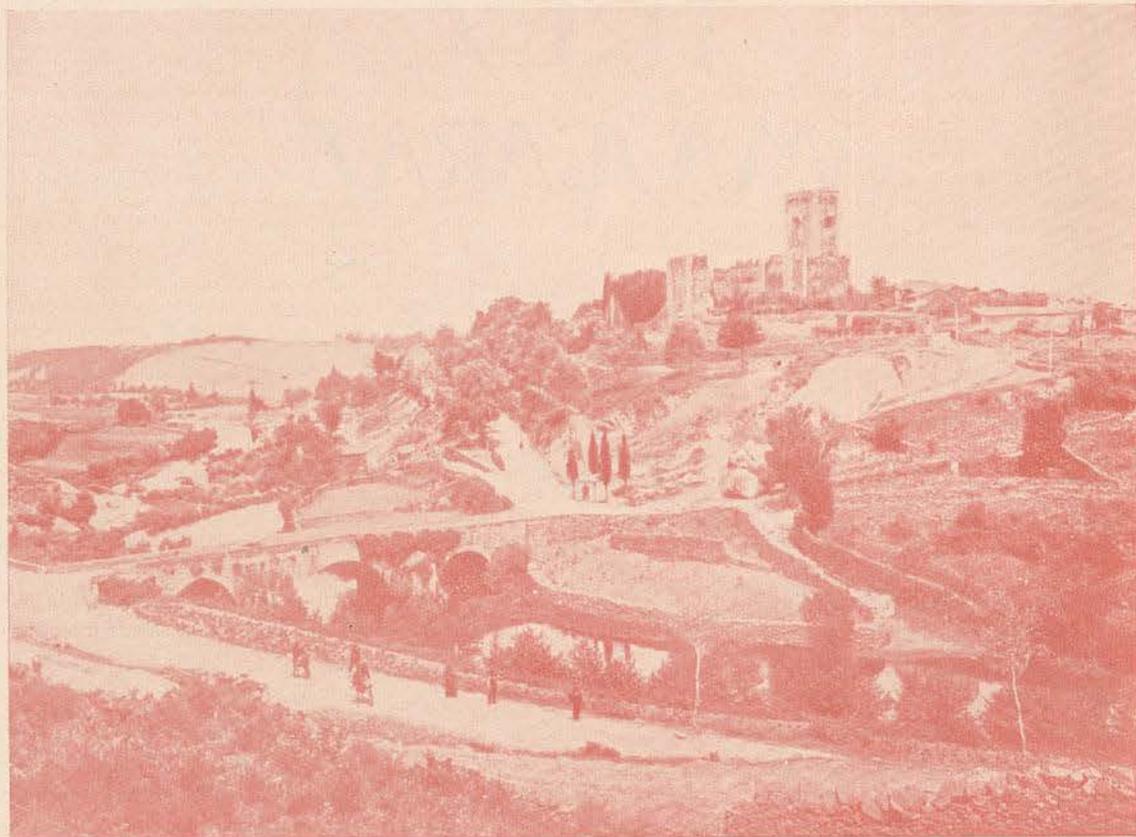
amor obriga-nos a olhar para o espelho de subito posto deante dos nossos olhos e fica-se surpreendido, e até muitas vezes terrificado, espantado, do que reconhecemos no nosso corpo e alma...

A cavalgada, porém, não pára, cavalgando a Inconsciencia, a Irresponsabilidade e o Inevitavel, sob as redeas da Sorte... E como cada qual não é verdadeiramente dono para poder dispôr desta e colocar o espelho na luz mais propicia, ver-se-ha como aprouver ao Destino! Quando muito, o nosso amor terá a côr da nossa sensibilidade: carnal se ela é carnal, espiritual se possivel fôr. E quando as mascaras caem no final da farça, da comedia, do drama ou da tragedia, em que as circunstancias nos envolveram em ignota comparsaria, só então é que vemos o que são e quem são os mascarados: e continua-se, não raro, na tristeza: tudo isso não nos fornece mais Fantasia, Ignorancia ou Sonho, as tres mascaras que valem por si sós, e nada ha que as valha para nos disfarçarmos ou nos resguardarmos dos golpes da carantonha da Realidade...



RZ

NO INVERNO, A BEIRA...



Ponte no rio Côa e Castelo (Sabugal)

A MARTINS FONTES

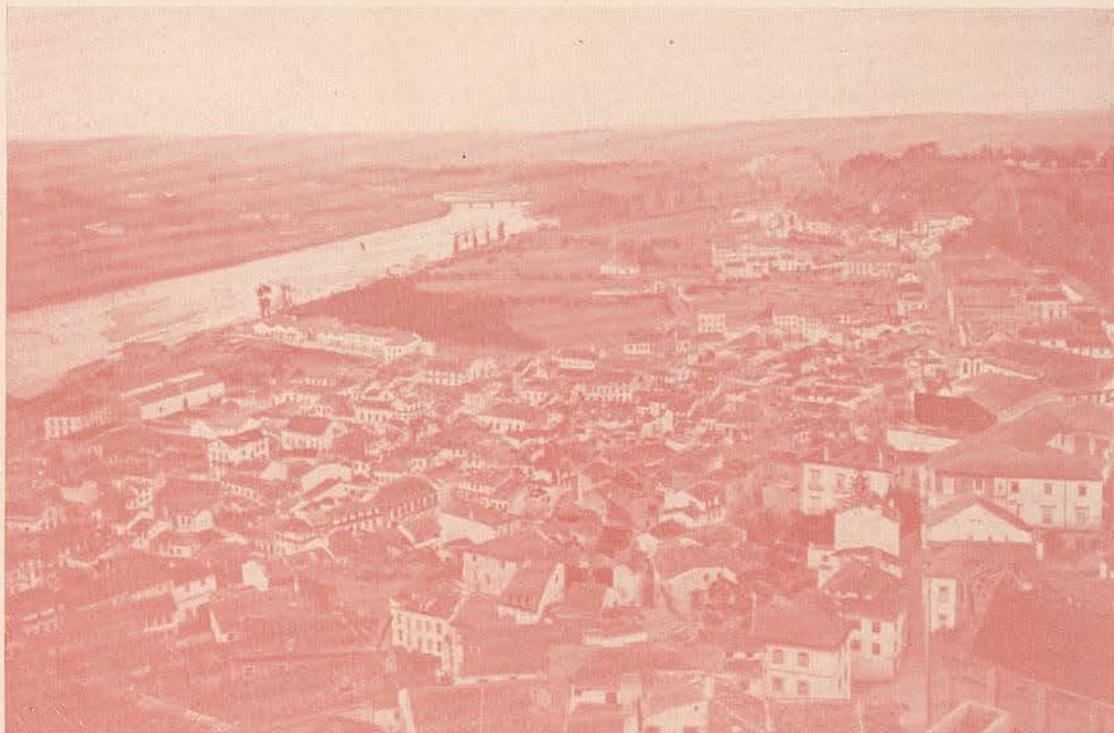
DA Pampilhosa para riba, sob as humidades que tornam fundente a gleba e vaporizam blondes grisalhas á epiderme dos hortejos, o trem, que aos arrancos surdos nos põe na fronteira, irrompe um vale solene, obra ciclopica constituída por duas cordilheiras rivalisantes, o Caramulo e os Herminios. Deixamos a *gare* do Luso, ultrapassamos sem interesse duas estações secas, e, logo, a silhueta da paroquial de Santa Comba, onde vetustamente sinalham á missa de alva, surge, com um tarraque, tarraque de sócos no pavimento do cais, luzindo femeas acobertadas de capucha de burel, em mira a poceiras com louça preta de Molelos, aguardando o pequeno comboio que virá, não tarda, a encaminhar-se para Viseu, muito cauto. E' a Beira, prudente e ascetica, alastrando se a mêdo das paisagens retalhadas do Vouga, em pesquisa de horisontes que o nevão em Dezembro apura, ante tratos louçãos de sementeira e dolmens extaticos de brutesa, geiras pacificadas, ora que já nem sequer lembra havermo-la visto junto á ria de Aveiro insistindo por vincar o caracter que, leguas após internando-nos, sentimos, se exarceba.

O Caramulo sobre a direita, a Serra da Estrêla a

montante, saliencias antitéticas de aspeitos e grestes, que se esquadrelam rivais, aquela toda fecunda em vinhedos, olivares, e courélas que o sol começou de empualhar como talha antiga; esta, carmelita descalça, cobrindo farraparias de gazas algentes, região mítica, aguardando, na visão do artista, uma colonia de titano que, despedaçando-lhe a magia, venha a desfilar sob os seus porticos descomunais. Frio sêco que á flôr da epiderme hipersensível roçasse tojeiras e praganas, o nosso olhar lagrimeja nas claridades tom de môtô, que taciturnas dealbam, para envergarmos nos fragões silentes que se alcandoram, aqui e além, bandadas de gralhas e corvachas, a par que num apeadeiro, a quando o trem ralenta a sua marcha, vamos dar com uma lavadeira, de artelho rubro e mãos tumefactas, ao desafio com a torrente, descantando em alvoradas :

*Passel á porta do forno :
Sou filha de uma padeira,
Meu coração é de trigo,
Moido na mô alveira...*

Distante, solapado no ermo que os desfiladeiros imaterialisam de novo, o som metálico investiga cle-



Vista geral da Covilhã

mências no âmago das almas piedosas. O silêncio curte, desde as terras que a quadra trienal ensopou na permeabilidade fértil até aos céus tão baixos, onde ha resplendores policromos de vitral, incidindo por toda a extensão, maxima a que a pupila atinge. E' Gouveia, a vila sombreada de granito, que descerra caminhos para um punhado de freguesias e habitêdos, que ora acordam, com seus rurais de sachola de longo cabo ao ombro, ponto onde tereis de largar o vagon e, sob neblinas glacidadas, endereçardes ao Bóco, findo o rapá do Aljão, algum tempo ainda aguardando que o sol se desentrape das velaturas nocturnas, hesitante e desfocado, no seu mirar de Dezembro...

O Bóco! Daltoides de ciclpe, haustos arquejados por bôcas que sifassem cavernas, mandibulas a cujas commissuras vaporassem catarractas de espuma,

a architectura do dolmen, ali, naquele circulo de uma geração que, de balde, o arqueologo identifica, irritando por catalogá-la com ancestral de qualquer raça averiguada. Deus, por seguro, de seu braço omnipotente, foi quem maior contingente deu, numa disparidade de esforços, para a móle que os seculos patinaram, sendo dessa parcela suprema que se escapa a lenda, mediante a qual, em dando meia noite, entes incoerciveis esgasabulham, nas largas lagens, as suas sombras pronosticas...



Lagôa escura gelada (Serra da Estrela)

Aguias centenarias que nidificaram à gue-la troglodita das carrancas, velhas raposas que enlearam nos fossos aonde os sarceiros escorrem o seu glauco fleugma, cobras mosqueadas que se irritam a um frêmito de anãs na hibernagem pelos reconcavos, alcandorase o planalto defeso, sobre a vastidão hiante, erigindo o Bóco em

catafalco, no qual os deuses do Olimpo foram depositados antes que as civilizações os recolhessem na vala comum, para que apodrescessem. Todavia, a claridade divina que relejou nos pincares, enregelando a sua asa hiemal, inclina-se apressada na penumbra, arrancando as ervas dos telhados sem cal entristecendo tudo, fazendo chocalhar as campainhas das cabradas, tornando mais carpida a agua das azenhas que não sustaram ainda em caramelos, argenteos. A noite, sortilega e pávida, advem como um pano de armar, que invisíveis braços, lés a lés, alfinetassem, transfigurada, entretanto, para nascente em livoses de lua, a coalhar reprêsas e lagunas, enquanto o vento não as deixa condensar em vidraça hialina e espelhenta. O Bóco, então, cimeiro como um palco circular, na fotosfera opalescente dos hidros vaporantes de toda a banda, ascende a si teorias de mouras encantadas, que o misterio maquilha para o rondó do a-des-horas, em que tatalam rótulas e espaldas, num pavor que a credence persevera, eu sei lá, já, por que milenios, por mais de uma legua derredor. E a vastidão beirôa, pelas suas freguezias e povoados, pelos seus viledos e casaes, amoujada

como uma caravana a quem ardentias e algidões superam o exôdo, résa, retabulo primitivo onde, de uma raça, se espiritualizam virtudes, nos labios, sempre, a lhe viçar a giesta de oiro das suas chancanas e pregueiras...

Mas oh! como as clamides das feiticeiras, no vastilhão do bailado sonambulo se esgarçam, a risa brava do maleficio arrastando-se pelos açudes, à medida que neles se esmadrigam caramélos de luar e tranças de virgens mortas! As moiras do Bóco, espedaçaram as jazidas em que por horas claras se sepultam, e, pinchando aos loureiros, vêm armar a rêde *gris* de quebrantamentos, nos quaes o espasmo lhe prende tolhimentos e perdições para jamais, a Beira, emfim, prosseguindo, sob o olhar de Deus, o seu sonho mistico incomparavel. Vagamente, o viandante que se desgonsa, apressenta no ar o olôr da resina que crepita nos fornos, entra de alveirar um ceu em que a treva é inclemente, a madrugada vae pejar os campos de junquilhos evanescentes, o Caramulo à direita e a Serra da Estrela a cavaleiro, atalaíam meditabundos, como um desenho à pena, vago, impressivo, endolorido...

SEVERO PORTELA



Casa da Fraga (Serra da Estrela)

OS AMERICANOS EM LISBOA



As carruagens aguardando que os excursionistas terminem a visita ao Museu de Arte Antiga nas Janelas Verdes



Alguns excursionistas americanos no jardim da Escola Politecnica

(Clichés Salgado)



O actual curso do quinto ano juridico, em Coimbra



O casamento do sr. José Augusto Lopes da Costa e a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Luíza Canto, de que foi padrinho o nosso querido amigo sr. dr. Sousa Mota



Ecoss do Congresso Economico Nacional.—Um grupo de congressistas



A actriz Maria Clementina que realisou a sua festa artistica no Chiado Terrasse com o Assassino de Macario



Mademoiselle Elvira Candida de Brito, distinta amadora de canto, que tanto exito obteve na festa do teatro Sousa Bastos por occasião do Congresso Economico



Albino Forjaz de Sampaio

TEATRO DE CORDEL (catalogo da collecção do auctor) por Albino Forjaz de Sampaio.—Ha «no reino vasto da bibliographia portugueza»—como diz Forjaz de Sampaio no seu erudito e valioso prefacio—uma região quasi inexplorada, nos seus pitorescos e nas suas notas curiosas. Essa região é a do teatro de Cordel, esse teatro que para o povo os cegos papelistas iam apregoando, e cujos folhetos penduravam «debandando pregados nas paredes ou nas portas».

E, contudo, o Teatro de Cordel é uma origem de ineditas e interessantes descobertas, sobre os costumes, as intrigas e os humorismos do seculo XVIII em Portugal. Atravez as suas scenas ingenuas, afantochadas—corre, passa, tumultua, num alarido de sinceridade, a alma da multidão dessa epoca, a sua alma trocista, amorosa e bizarra.

Neste catalogo cuidadoso e notavel que o carinho paciente do illustre academico reuniu—enumeram-se todos os volumes de Teatro de Cordel que Albino Forjaz de Sampaio possui, na sua biblioteca vasta. E quantos titulos imprevisos e quantos temas anedoticos se deparam entre essa infinita serie de obras inacreditaveis, umas sinceramente comicas, outras satiricas, outras roçando pela candura da Epopeia ingenua, outras tocadas dum vago halito fantastico de drama!

Albino Forjaz de Sampaio teve uma ideia nova e uma ideia justa: mostrar-nos essa região quasi ignorada da bibliographia portugueza, que merecia, decididamente, as horas minuciosas de investigação que lhe consagrou o autor original e amargo das *Cronicas Imorais*...

NOSSA SENHORA EVA, versos, por Cesar de Frias.—Cesar de Frias é um nome recentemente conhecido—mas conhecido com louvor e com aplauso—pelo seu livro de contos *Ao sópro da vida*. Como prosador ele revelou

uma sensibilidade muito pessoal e muito colorida, uma tecnica masculina de estilista, uma vibratil individualidade de esteta. Como poeta, com a *Nossa Senhora Eva*, Cesar de Frias dá-nos um agradável livro de rimas—onde encontramos um sabôr gentil de lirismo lusiada.

Tive occasião de escrever sobre Cesar de Frias a seguinte impressão: que prefiro as suas paginas de novela aos seus versos. Na sua prosa ele está feito, completamente feito, incisivo, flagrante, opulento de imagens e de recursos. Na sua poesia, ele ainda tem desequilibrios, oscillações, falhas.

Na *Nossa Senhora Eva* prefiro as quadras—cheias duma inedita e enternecida beleza simples. Os sonetos, a maior parte, são mais fracos. O soneto—é a cumeada da Poesia, só atingem a perfeição no soneto os grandes Poetas, e não simplesmente os poetas correctos, como Cesar de Frias. Entretanto, ai ficam algumas quadras que muito espontaneamente me agradaram e que marquei entre as melhores dos ultimos tempos:

Quantos beijos já te dei?
Eu sei lá! Que outros os contem!
Os beijos de hoje são filhos
Dos beijos que te dei hontem.

No presepio do teu seio
Ri-se o coração em risos francos
—Sou Jesus: nasci no meio
Destes dois cordeiros brancos...

São simples as minhas trovas
Duma beleza bem calma:
Fi-las com a alma do povo
Abraçadinha á minha alma.

Os prosadores—já o disse eu algures—são os poetas somados com a Vida. Assim é Cesar de Frias nos seus contos. Como poeta, ele é um prosador privado do seu esplendido vocabulario e da sua forte personalidade.

ESPIRITUAIS, versos, por Oliva Guerra.—Esta poetisa moça, já a critica falou, com apreço unanime. E Oliva Guerra merece bem o acolhimento carinhoso e excepcional que lhe fizeram. E' na verdade, uma poetisa com uma grande anciedade espiritual de beleza e ascensão em cujos versos calmos se depara uma fervorosa religião de espaços limpídos e de beatitudes estaticas.

Para mim, o unico reparo a fazer a Oliva Guerra, é o de colocar entre muitos versos bons, alguns versos que o não são. Nada mais difficil de que selectonar. Nem todos sabem realisa-lo, com sobriedade e com tacto. E assim, destacando aqui um belo soneto de Oliva Guerra—eu não



Oliva Guerra

posso deixar de notar que o livro não é todo assim, porque, se o fosse, seria uma das mais luminosas afirmações da ultima geração de poetas.

O soneto tem o nome de *Regresso*:

Tudo em redor me fala só de ti.
Tudo o que foi nos mostra lentamente;
Lugares que percorri d'alma contente,
Ecos de frases que, feliz, te ouvi...

E no entanto é tudo hoje tão diferente!...
Tudo mudou depois que te perdi.
Em tudo ha sombras que jamais lhe vi.
Já nada é igual. E' outro todo o ambiente.

A luz mudou, o ceu tem outra côr.
Ha folhas mortas, ar desolador...
Nada resta doutr'ora. Que anciedade!

Mas tudo me parece assim mais belo...
Porque o que vejo só consigo vê-lo
Atravez de uma nevoa de Saudade!...

JOÃO AMEAL.

ESTRELA DE ALVA por Joaquim Copela.—Outro livro de versos. Em Portugal pôde cair o c u, que nem por isso os rouxinóis deixarão de cantar.

Estrela de Alva é um livro quasi todo em versos de sete silabas— a maior parte em quadras.

Poucos poetas haverá tão profundamente originaes que se lhe não adivinhe no primeiro livro, qual o seu poeta mais amado.

Joaquim Capela deve ter em Correia de Oliveira o santo da sua maior devoção: lendo os seus versos, varias vezes, me lembrei do *Auto do fim do Dia*. A poesia *Caminho* e aquella outra a que pôs o feio nome de *Migalhas* são para mim das melhores que ha no livro; e não é difficil encontrar por todo ele quadras perfeitas, algumas lindas, com um conceito gracioso e de um elegante recorte literario.

A. D.

TONICO FORMIOL MUSCULAR

(REGISTADO)
MEDICAMENTO DE EXITO
NOTAVEL

Na cura da fraqueza geral, fraqueza cerebral, fraqueza genital, neurastenia, anemia, tuberculose, doenças do coração e pulmões,

afecções nervosas, suores noturnos, prostração física, menstruações irregulares, perdas seminaes, escrofulas, linfatisimo, falta de appetite, palidez, hemorragias, afecções osseas, raquitismo, digestões laboriosas, prisão de ventre e fraqueza senil. Rapido e energico. Tónico por excellencia do sistema nervoso e muscular, aumentando sempre a resistencia á fadiga derivada

do esforço muscular prolongado, quintuplicando as forças e evitando a pobreza fisiologica, traduzindo-se o seu efeito por um aumento de peso e das forças. As pessoas que habitam nos climas quentes e as que se dedicam ao «sport» tem absoluta necessidade de fazer uso do «Formiol», com o fim de evitarem o exgotamento fisico derivado do excesso do clima e do abuso das forças.

Este medicamento tem sido experimentado por varias sumidades medicas e doentes (como podemos provar) obtendo sempre otimos resultados. Não tem dieta. A venda em todas as farmacias e drogarias. Preço 5000. Correo, até dois frascos, mais 50 centavos. Depósito geral: Farmacia Albano, rua da Escola Politecnica, 59, Lisboa. Depositarios em Lisboa: Farmacia Barral, rua do Ouro, 128; Estacio, Rocio, 60; Azevedo, Rocio, 31; Pimentel & Quintans, rua da Prata, 196. Porto: Farmacia Birra, Praça da Liberdade, 124. Coimbra: Farmacia Nazareth, R. Ferreira Borges, 139. Santarem: Farmacia Bastos, R. da Misericordia, 121. Setubal: Farmacia Oliveira, R. da Misericordia, 14. Evora: Farm. Ferro, R. João de Deus, 33. Faro: Bandeira & C.ª rua de Santo Antonio, 50. Africa Ocidental: S. Tomé, José Pedro da Fonseca, rua General Calheiros. Benguela: Farmacia Continental. Luanda: Serra, Appes & Irmão

O homem misterioso

Que em 1920 profetizou a morte de MACHADO SANT. S e outros acontecimentos publicos (leiam o «Diario de Lisboa», do dia 3-11-921), e diz o vosso passado, presente e futuro, em amores e casamento, negocios, viagens, mudanças de vida, etc., é o *astrologo J. Rabestana*, que se mudou para a Rua Pascoal de Melo, 103, 1.º, frente, Lisboa. Se escrever envie 1:000 ré s para a resposta.

Peçam já o prospecto

É consideravel o numero de pessoas que de todo o pais, ilhas, colonias e estrangeiro estão requisitando matricula no curso de Escriituração Comercial por partidas simples e dobradas professado no

Instituto Nacional de Ensino por Correspondencia

L. Trindade Coelho, 7, LISBOA

Peçam já o prospecto do Instituto, que será remetido gratuitamente, e não-de reconhecer as enormes vantagens do ensino comercial feito em suas casas.

O passado, o presente e o futuro

Revelado pela mais celebre chiro-mante e fisionomista da Europa

Madame Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quironancias, cronologia e iziologia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Faia portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas todos os dias uteis. Em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 'sobre-



das 11 da manhã ás 7 da tarde

Rheumatismo

O Linimento Sloan

é o melhor remedio para o rheumatismo; allivia immediatamente a dôr. Como não é necessario friccionar, pôde-se applicar em qualquer parte delicada do corpo. É um remedio energico que instantaneamente penetra no lugar da dôr, alliviando qualquer inflamação ou congestão.

O Linimento Sloan

é um excellent anti-septico germecidio. Cura golpes, queimaduras e feridas.

Tambem produz grande allivio em casos de mordiduras de insectos malignos.

(Vonde-se em todas as Pharmacias)



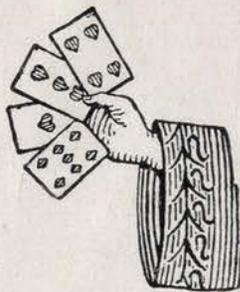
Linimento de Sloan

MATA DORES

Depositarios exclusivos para Portugal e colonias: Walker Bros & C.º Trav. do Cotovelo, 37, 1.º-Lisboa.

11. R. M. JOSINHO DA SILVEIRA — Porto

M. M. VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo escreve no passado e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro.

Consultas todos os dias uteis das 12 ás 22 horas e por correspondencia. Enviar 50 centavos para resposta.

Calçada da Patriarcal, n.º 2, 1.º, Esq. (Cimo da rua d'Alegria, predio esquina).

Vêr, quarta-feira, o

Suplemento de MODAS & BORDADOS DO "SECLAR"

Preço: 20 centavos

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SECULO»

DIRECTOR — J. J. da Silva Graça
PROPRIEDADE DA Sociedade Nacional de Tipografia
EDITOR — Antonio Maria Lopes

NUMERO AVULSO. 50 cts.

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Espanha:
Trimestre 6\$50. — Semestre 13\$00. — Ano 26\$00.
COLONIAS PORTUGUESAS: Semestre 14\$00. — Ano 28\$00
ESTRANGEIRO: Semestre 17\$00. — Ano 34\$00.

Redação, administração e oficinas: — Rua do Seculo, 43, LISBOA

Brown Ribbon and Carbon Mtg. Co.

Machinas de escrever,
accessorios e oficinas de reparações
Preços resumidissimos

nde **J. Anão & C.ª L. da**
R. Nova do Amparo, 6. 2.ª
telefone 2536 LISBOA

**Perfumaria
Balsemão**
141, RUA DOS RETOZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

FOTO-BAZAR

39. R. Fabrica, 43 -- PORTO

O maior deposito no norte
de Portugal, de todo o material
fotografico

Peçam informes e preços á nossa casa
DESCONTOS A REVENDEDORES E FOTOGRAFOS

O melhor
Cha exportado da
Inglaterra é o
Cha Endvar
Solicitamos Agentes
Compradores para os
mercados aonde nao
tenhamos representantes

CHA ENDVAR

ENDVAR COMPANY LTD

Fabricantes e Exportadores de Chas, Conservas, etc.
38A KING WILLIAM STREET, LONDON EC. 4



TONICO YILDIZIENNE

O tesouro dos cabelos

Faz nascer e crescer os cabelos. Cura a caspa, a canice, a calvice e todas as doenças do couro cabeludo em todas as edades e em todos os casos.

Tintura Yildizienne

Instantanea. A melhor e mais rapida do mundo.

Regenerador Yildizienne

Cora os primeiros cabelos brancos em 8 dias.

Schampoo Yildizienne e Skaffe

O melhor que ha para lavar a cabeça e tirar a caspa.

Brilhantina liquida Yildizienne

Para dar brilho e leveza aos cabelos.

Brilhantina solida Yildizienne

Ondulante favorece a ondulação e dá ao cabelos um brilho incomparavel.

Academia Scientifica de Beleza

Avenida da Liberdade, 23—Lisboa

TELEFONE 3641

Resposta mediante estampilha

Peçam em toda a parte os acreditados productos d'esta
ACADEMIA DE BELEZA

VENDAS POR GROSSO E A RETALHO